

PMS	CPM	GERIN
BIBLIOTECA		
Jornal		
A Tarde		
Data		
15/09/97		
Caderno	Página	
J	5	
Seção		
Assunto		
História		
(MUSEU)		

Museu tenta estimular público baiano

Valmir Ferreira

O Museu de Arte da Bahia prorrogou até o próximo dia 28 a exposição "Vieira e a Bahia do Seu Tempo", composta de aproximadamente 150 peças de arte sacra e inúmeros livros, documentos e manuscritos de grande valor para a história da Bahia e do Brasil. Com a iniciativa, a diretora do Museu, Sylvia Menezes de Athayde, procura dar uma chance àqueles que por algum motivo ainda não puderam apreciar as maravilhas da exposição, ao mesmo tempo em que reforça as suas próprias esperanças de que, com um pouco mais de divulgação, a exposição consiga atrair um público maior do que os quatro mil visitantes que estiveram no local, desde que a exposição foi aberta no dia 18 de julho.

Em matéria assinada pela jornalista Maria Luiza Barros, o Jornal do Brasil destacou na segunda-feira da semana passada o grande movimento registrado nos museus do Rio de Janeiro no fim de semana anterior, ressaltando que num fim de semana de muito sol, os cariocas trocaram o chope e a praia por um mergulho cultural, sobretudo no Museu de Arte Moderna e no Centro Cultural Banco do Brasil. Nesse último, cerca de 1.200 pessoas desfilarão em frente aos trabalhos de Di Cavalcanti em apenas um dia

(domingo) o que, por si só, torna insignificante o número de visitantes registrado pela exposição que homenageia o Padre Antônio Vieira, no Museu de Arte da Bahia, e reforça a constatação de Silvia Atahyde, de que o baiano não está nem um pouco preocupado com a cultura e as suas queixas de que os que podem fazer alguma coisa para mudar essa situação não estão fazendo absolutamente nada.

Desanimador

Quatro mil visitantes equivalem à média de 100 visitas por dia, sendo que no último sábado, até as 17 horas, as visitas registradas no livro próprio não passavam de 40. Se, numa exposição temporária e da importância histórica e cultural da que está sendo prorrogada no MAB, o interesse despertado é tão desanimador, é fácil imaginar o que ocorre nos demais museus da cidade onde não há a renovação dos acervos. Essa constatação serve até para justificar a falha de alguns importantes museus, que sequer se dão ao trabalho de abrir as suas portas nos finais de semana. Certamente para evitar o constrangimento de permanecerem desertos a maior parte do tempo, como aconteceu sábado com o Abelardo Rodrigues, no Pelourinho e o Museu do Convento do Carmo.

Belas peças de arte sacra e a importância do acervo escrito pelo Padre Antônio Vieira não foram suficientes para atrair o público baiano

Entre as poucas pessoas que visitaram o Museu de Arte da Bahia no fim de semana estavam o professor e escritor Adinoel Motta Maia que, como ele próprio disse, costuma sempre

deixar para ver as exposições nos últimos dias, mas ficou satisfeito em saber que a mostra havia sido prorrogada. O secretário do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, Lamartine

Lima, aproveitou a visita, juntamente com a esposa e a filha de 12 anos, para dar uma autêntica aula de história. Ele acredita que a contribuição dos meios de comunicação, divulgando

maciçamente os bons eventos culturais, como é feito em outros centros, será fundamental para estimular os baianos a visitarem mais os museus entre outros centros de cultura.



Foto: Elóis Corrêa

Desertos culturais e desanimação

Localizado no Solar do Ferrão, o Museu Abelardo Rodrigues tem um valioso acervo de 808 peças de Arte Sacra e está aberto à visitação das 9 às 18h45 de terça a sexta-feira. Aos sábados funciona das 13 às 18 horas e aos domingos fica aberto das 9 às 14 horas. Durante a semana recebe em média 15 visitantes, entre turistas e estudantes em busca de subsídios para trabalhos escolares. Nos fins de semana recebe em torno de dez visitas, que têm acesso às bem cuidadas dependências mediante uma taxa de R\$ 1, sendo que estudante paga a metade e se for de algum colégio da rede pública tem acesso livre, o que, pelo que se observa, não chega a constituir um grande atrativo.

No Museu do Convento do Carmo o movimento também é insignificante, mas existe a esperança do administrador do museu, frei Jadival Oliveira, de que, com a reabertura do hotel, que funcionava no convento, o movimento volte ao que era antes da revitalização do Centro Histórico. Segundo frei Jadival, antes da revitalização, o Carmo era praticamente a única parte do Centro Histórico em condições de ser visitada pelos turistas. Hoje, com todo o conjunto restaurado, os turistas têm muito o que ver e não sobra tempo para a visita ao Carmo e, no particular, ao museu,

onde estão expostas imagens, prataria, alfaías e quadros, que na alta estação tem uma visitação média diária de 30 pessoas, caindo para uma média de 10 visitantes na baixa estação. O acesso ao Museu do Convento do Carmo custa R\$ 2 e os estudantes só têm acesso livre quando a escola solicita por ofício e manda acompanhante.

Na opinião da diretora do Museu de Arte da Bahia, Sylvia Athayde, a cobrança de ingresso nos museus pode até inibir a visitação, mas o maior problema mesmo, segundo ela, é a falta de interesse pela cultura. Ela considera um absurdo o fato de uma exposição em homenagem a Antonio Vieira ter recebido, até sábado, a visita de apenas cinco alunos do Colégio Antônio Vieira. Sylvia responsabiliza os professores por não incentivarem as visitas, passando trabalhos de pesquisa para os alunos, e critica severamente os guias turísticos, que afastam os turistas dos museus, levando-os para locais de consumo. Segundo ela, é comum eles passarem em frente aos museus apontando com os dedos pela janela. Teve um guia – disse Sylvia – que chegou na entrada do museu e virando-se rapidamente, aconselhou os turistas a irem embora dizendo que ali só tinha coisas de igreja.